

Cam
5-11

8
Off. pelo author em
10/6º/89 - A' Sociedade

ALMA MINHA GENTIL

GLÓSA DO JUDEU

Antônio Joseph da Silva

Cam
511

ALMA MINHA GENTIL

GLOSA DO JUDEU

A

ALMA MINHA GENTIL

COM UM PREFACIO

DE

JOAQUIM DE ARAUJO



PORTO

IMPRESA PORTUGUEZA

Rua do Bomjardim, 181

1889



COMPRA

R. 177500

TIRAGEM

Vinte exemplares em papel superior, impressão a cores, numerados de 1 a 10, com frontispício a preto, de 1 a X, com frontispício a duas cores.

Dez exemplares, sem tarja, fora do mercado.

X DE JUNHO DE MDCCCLXXX

DUAS PALAVRAS

Da vastíssima serie de glosas consagradas, neste e no seculo anterior, ao famoso soneto da Alma minha, uma das que mais salientemente se destacam pela sua-vidade da expressão camoniana e pelo primor da con-textura é por certo a que Antonio José da Silva des-dobrou atravez das peregrinas estancias, que esta nossa brochura reproduz. Essas estancias, com effeito, são um trecho palpitante de vida, rebentando dentre as seccas e aridas composições que constituem as paginas banaes de graves elegias, tracejadas em memoria da bellissima infanta D. Francisca, que tal é o epitheto com que o pobre do Judeu inaltece a formosura da princeza de Bragança, a que alludimos. ¹ Aveßsu ao

1 «Acentos faudoßos das Mufas Portuguezas na sentida morte da Sereniffima Senhora a Senhora D. Francisca Infanta de Portugal. E a Oraçam que pela meßima causa recitou no Paço o Marquez de Valença Censor da Academia Real. Primeira parte. — Lisboa Occidental, Na Offic. de Antonio Ifidoro da Fonseca — Anno M.DCC.XXXVI. Com todas as licenças neceßarias.»

feito sarcástico de Antonio José é a composição para que chamamos a atenção do grupo de camonianistas portuguezes, mas nem por isso empana o brilho de personalidade litteraria tão sympathica e tão pouco estudada ainda. Offerece até uma feição distincta do talento do singular escriptor, para quem não haja presentido, por debaixo da linguagem vivamente pittoresca das suas famosissimas comedias, a tortura de pungentes soffrimentos, que tiveram como epilogo a fogueira tenebrosa dos dominicanos. Antonio José morreu queimado, diante desse mesmo povilão sem brio, que lhe havia applaudido, nos barracões do Bairro-Alto, a graça original das farças; e acaso os que lhe admiráram o primor da inspiração, nas endechas á morte da Infanta portugueza, encontraram dentro da alma a covardia necessaria para o abandonarem ás agonias do supplicio extremo. Pelo decorrer do seculo XVIII, são frequentes essas vilanias.

Nem todas as Bibliographias, elaboradas em honra do epico sublime dos Lusíadas compendiam no limite dos seus numeros o luctuoso opusculo que assignalamos; é de ver portanto que não deve ser de facil aquisição. O mercado raras vezes o accusa. Costa e Silva achou-o decerto no decorrer das suas investigações, que no Ensaio biographico e critico dos melhores poetas portuguezes apresenta um traslado da formosissima glosa. Ali não é difficil encontrar-a, mas o Ensaio perdeu de moda, desde muito,

sem que lhe valesse por maneira alguma o embargo que, a beneficio do seu valor contestadissimo, lhe metteram alguns doutos, educados uinda pelos estreitos moldes dessa obra. O caso do Auto das boas estreias dá uma nota bem vibrante e bem verdadeira do valor critico daquelle manancial.

Quando um dia alguém se dê ao trabalho improprio de reunir e monographar amorosamente as producções poeticas, a que o celebre soneto de Camões tem dado campo, nesse livro que os corações delicados hão de acingir com a aureola das suas sympathias mais intimas, certo que uma das fulgurações que sobrefabirão será o diamantino rofario de estrophes do desventurado autor dramatico. É que esses versos hão de echoar sempre na alma humana: não ficarão nos estreitos limites de um folheto. Espalhar-se-hão, no perpassar das gerações, como se espalharam, no turbilhão da ventania, as cinzas do malaventurado martir condemnado no sinistro palacio dos Eslãos...

10, junho, 1889.

JOAQUIM DE ARAUJO.

GLOSA AO SONETO DE LUIZ DE CAMOENS
NA QUAL EXPRIME PORTUGAL O SEU SENTIMENTO
NA MORTE DA SUA BELLÍSSIMA INFANTA A SE-
NIORA D. FRANCISCA

*Alma minha gentil, que te partiste.
Tão cedo desta vida descontente?
Repousa lá no Ceo eternamente.
E viva eu cá na terra sempre triste.*

*Se lá no assento etereo onde subiste
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueças daquelle amor ardente,
Que ja nos olhos meus tão puro viste.*

*E se vires que pôde merecerte
Alguma cousa a dôr, que me ficou
Da magoa sem remedio de perderte*

*Roga a Deos, que teus annos encurtou,
Que taõ cedo de cà me leve a verte,
Quam cedo dos meus olhos te levou!*

I

*Que importa que separe a fera morte
Os extremos, que amor ligou na vida,
Se quanto mais violenta intima o corte
Vive a alma no affeão mais unida:
E posto te imagine, oh triste sorte!
Nos horrores de hum tumulto escondida,
Nunca do peito meu te dividisse,
«Alma minha gentil, que te partiste.»*

II

Se no Regio Pensil flor animada
Purpuras arrastrava a galhardia,
Por isso na belleza inseparada
A duraçãõ efimera exilia:
Se estã na fermosura vinculada
Esta de morte occulta simpatbia,
Que muito te auzentasses brevemente
«Taõ cedo desta vida descontente?»

III

Como flor acabou quem roza era,
Porèm nessa fragrancia transitoria
Nãõ quiz ser flor na humana Primavera,
Por viver Serafim na excelsa gloria:
Ja que o desejo meu te considera,
Gozando nesse Empyreo alta victoria,
A pezar da saudoza dôr vehemente
«Repousa là no Ceo eternamente.»

IV

Nessa patria de rayos luminosa
Donde immortal se adora a luz immensa,
Alegre vivirã, alma dilosa,
Sem limite ja mais na gloria intensa,
Que eu infeliz em ancia luçuoza
Farey no meu gemido a dôr extensa;
Eterno goza tu o bem que viste,
«E viva eu cã na terra sempre triste.»

V

Não cuides que o affeição de adorarte
Se extinguiu nos limites de perderte,
Porque na viva fê de idolatrarte
Na memoria conseruo o bem de verte:
Taõ constante me eleuo em venerarte,
Que não sey que pudesse mais quererte
Se cã na terra dura onde me viste,
«Se lã no affento etereo onde subiste.»

VI

E se nesse brilhante firmamento
De algum humano bem memoria dura,
He porque no lugar da culpa izento
Não se veja do ingrato a mancha impura,
Lembrete pois, ô alma, o vago alento,
Que em suspiros exala esta ancia pura,
Lembrete; pois tambem no Ceo luzente
«Memoria desta vida se consente.»

VII

Quantas vezes a tanta gallardia
Portugal sacrificios dedicava?
Nos altares de hum peito amor ardia,
Nos ardores de huma alma amor se achava;
Se este extremo que em luzes se acendia,
Era fragoa de amor, que se abrazava,
Para alivio efficaz de hum peito auzente
«Não te esqueças daquelle amor ardente.»

VIII

Mas se algum dia o gosto por adivo
 Em cristalino rizo se explicava,
 (Que tambem o prazer quando excessivo
 Pelos olhos rethorico fallava)
 Hoje corre turbado o successivo
 Cristal, que o gosto amado publicava,
 Turvo destilla a magoa o pranto triste,
 «Que ja nos olhos meus taõ puro viste.»

IX

Para eterno Padraõ huma saudade
 Mausoleo immortal se erige: oh quanto
 Põde huma dõr! pois toda a eternidade
 Breve circulo he de affeço tanto:
 Recebe pois, õ inclita Deidade,
 O liquido holocausto de meu pranto,
 Se acaso digno he de engrandecerte,
 «E se vires que pôde merecerte.»

X

Neste fero tormento desigual
 Sem remedio me vejo enlouquecer,
 Sendo somente alivio para o mal
 Nesta auzencia infeliz por ti morrer:
 Vivo taõ satisfeito do fatal
 Tormento, que me obriga a padecer,
 Que mitigo no mal, que me deixou
 «Alguma cousa a dor, que me ficou.»

XI

*Viste as Tagides bellas lamentando
Entre as ondas do Tejo a morte escura,
Que lacrimoso feudo derramando
'Daõ a Neptuno infausta investidura?
Viste os patrios montes arrancando
'Do coraçã da penha a fonte pura?
'Pois tudo effeitos saõ, se bem se adverte,
«Da magoa sem remedio de perderte.»*

XII

*Mas se tens por objecto o Celestial
Numen, de quem te ostentas girasol,
Felice tu mil vezes, que immortal
Vives eterna à sombra desse Sol.
E se pois transmigrou teu ser mortal
A hum sublime ser, sendo Crisol
Da virtude, que a tanto te exaltou,
«Roga a Deos, que teus annos encurtou.»*

XIII

*Quantos desejarãõ no grave espanto
Da auzencia, que formaste hoje em retiros,
Abrandar essa urna com o pranto,
Acender effus cinzas com suspiros!
Qual à morte dirã: Não tardes tanto,
Levame a mim tambem em vagos giros,
'Pois quem cedo de mim soube esconderte,
«Que taõ cedo de cá me leve a verte.»*

XIV

*Qual nevada Bonina, que o subtil
Matutino licor feliz bebeu,
A quem o Sol ardente em rayos mil
A odorifera pompa lhe abateu:
Assim ó bella Infanta, alma gentil,
Noto no seu estrago o golpe teu,
Que admirado do mal por certo estou,
«Quam cedo dos meus olhos te levou!»*

DO DOUTOR ANTONIO JOZEPH DA SYLVA.



EDIÇÃO

DE

MANOEL DE MATTOS

*Commemorativa do jubileu nacional
de 1880*

